

EDUCAÇÃO E REALIDADE: PENSAMENTO DE LAURO ESMANHOTO

Naura Syria Carapeto Ferreira¹

RESUMO

Este artigo que decorre dentre outras, de uma pesquisa sobre a vida e obra do professor paranaense Lauro Esmanhoto, destaca o exemplo de educador que forma pela palavra e pela ação. Professor em todos os níveis de ensino, foi administrador e o precursor da Administração da Educação e Educação Comparada no Estado do Paraná e no Brasil. Fundador da ANPAE, Professor Emérito da UFPR entre outros títulos e feitos. O artigo objetiva, a partir de fontes primárias e secundárias, trazer à luz a história de vida de um educador, professor, político e gestor que dedicou toda a sua vida ao ensino, à educação e à luta política em prol da educação de qualidade para todos.

Palavras-chave: Administração da educação. História da educação. Política. Cidadania. Lauro Esmanhoto.

O curso de graduação em pedagogia constitui o único espaço universitário de formação de professores para os anos iniciais e para a educação infantil, nos quais a pesquisa é um componente essencial de formação desse professor
Lauro Esmanhoto (1999)

1 INTRODUÇÃO

Educação e realidade, enquanto nexos com a Pedagogia foi o núcleo do pensamento do Professor Lauro Esmanhoto, insigne educador, cujo centenário de nascimento comemorou-se em 2013. Sobre este grande educador, escrevi este texto a partir de minhas investigações como pesquisadora e professora aposentada do Setor de Educação – DEPLAE - da UFPR, onde fiz concurso em fevereiro de 1972 e comecei a trabalhar com o Prof Lauro Esmanhoto na, então, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras fundada em 1939,

¹ Professora Titular do PPGED – Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). R. Sydnei Antonio Rangel Santos, 238 - Santo Inácio, Curitiba - PR, 82010-330. Professora (aposentada) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Setor de Educação. Rua General Carneiro, nº 460, Curitiba, Paraná, Brasil. CEP: 80060-150. nauraf@uol.com.br ; naura@utp.br

no Departamento de Pedagogia (Pedagogia e Didática), reconhecida pelo governo federal em 1940, formando Licenciados e Bacharéis. Em 1973, a Educação conquista um Setor próprio – Setor de Educação – constituído de quatro departamentos: Departamento de Planejamento e Administração Escolar, Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação, Departamento de Métodos e Técnicas da Educação e Departamento de Biblioteconomia. Os cursos passam, então, a ser chamados de Licenciatura e Bacharelado do Setor de Educação da UFPR.

Neste período a UFPR, em cumprimento ao disposto nos art. 26 a 30 da Lei nº 5.540 de 28 de novembro de 1968 e o parecer 252/69 do CFE, abriu edital de concurso para professores da carreira de nível superior, que assumissem as disciplinas e encargos no disposto nos art. 26 a 30 da Lei nº 5.540 de 28 de novembro de 1968 e o parecer 252/69 do CFE, que a esta se incorpora em 9 de maio de 1969 exara a Resolução 2/69 que nos seus 11 artigos determina sobre “a formação dos professores para o ensino normal e dos especialistas para as atividades de orientação, administração, supervisão e inspeção no âmbito de escolas e sistemas escolares que será feita no curso de Pedagogia, de que resultará o grau de licenciado com modalidades diversas de habilitação” (FERREIRA, 2012, p. 167). Assim, a UFPR contratou os primeiros professores classificados nos referidos concursos a fim de que atendessem este tipo de formação exigida. E, a partir de 1972 começaram a existir a partir do 3º ano de Pedagogia as habilitações de Administração Escolar, Supervisão Escolar e Orientação educacional conforme rezava o dito parecer.

Assim, este artigo resulta de várias investigações realizadas e fundamentalmente, da investigação “LAURO ESMANHOTO: HISTÓRIA DE VIDA E HISTÓRIA DA ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO NO PARANÁ” que realizei, agora como professora no PPGED – Mestrado e Doutorado da Universidade Tuiuti do Paraná - UTP. Cabe considerar que esta pesquisa, como todas as demais que venho realizando, dão prosseguimento ao meu objeto de investigação desde quando desenvolvia pesquisa na UFPR em políticas públicas e gestão da educação, em especial, relacionadas à formação de profissionais da educação, dando continuidade a minha trajetória como pesquisadora iniciada na UFPR.

Importante registrar que minha motivação para escrever sobre Professor Lauro Esmanhoto, deve-se à profícua convivência que tive

com este respeitável, erudito e grande mestre da Administração da Educação e Educação Comparada, entre tantas outras áreas do conhecimento, como nosso Chefe de Departamento do DEPLAE – através do seu exemplo como competente e dedicado profissional da educação, sábia e firme direção, humildade e ternura. Também, minha exposição considerará este período a partir de meu ingresso como professora na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em fevereiro de 1972.

Os concursos ofertados no edital supracitados para inscrição eram específicos para cada habilitação que o Parecer 252/69 e a Resolução 2/69 do CFE rezava. Inscrevi-me e fui aprovada no de Supervisão Escolar, passando a partir desta data a dedicar-me com a monitoria e atenção generosa do Professor Lauro Esmanhoto que era Chefe de Departamento de Pedagogia e, posteriormente, quando foi criado o Setor de Educação no ano seguinte, do Departamento de Planejamento e Administração Escolar – DEPLAE -, onde estas habilitações foram abrigadas bem como os professores responsáveis por elas. Portanto tratarei neste artigo de tudo que concerne especificamente à habilitação de Supervisão Escolar pela qual fui responsável com Professor Lauro desde minha contratação. E, a partir deste percurso, dedicar-me-ei a expor sobre a inestimável contribuição do Professor Lauro como profissional e pessoa da mais alta dignidade!

2 OS PRIMEIROS PASSOS DESTA TRAJETÓRIA COM O PROFESSOR LAURO ESMANHOTO

Desde que comecei a trabalhar sob a orientação de Prof. Lauro Esmanhoto, dediquei-me a aprofundar os estudos não só sobre conteúdos específicos desta habilitação, mas da administração da educação e de suas origens na administração de empresas, à qual pertence a supervisão, e de onde “migraram” para a escola as teorias de organização, embora naquela época a compreensão desta relação ainda me fosse muito embrionária exigindo-me muitos aprofundamentos.

Preocupado com a “montagem” das referidas habilitações, a qualidade do Curso de Pedagogia e a formação dos futuros Pedagogos, Professor Lauro Esmanhoto me apresentou, os clássicos

da Supervisão Escolar intelectuais e editoras originário dos Estados Unidos com quem mantinha interlocução ou com livros traduzidos do inglês para o espanhol, vindos da Argentina, mais especificamente. Desta forma, conheci R. J. Armstrong(1973), Luther Bradfield (1968) Lola Brembeck e Thompson Timithy, Leslie Briggs (1973), Lou Burmeister (1974), Ross Neagley (1969), Jane Franset (1869), Kimball Wiles (1973), Luza Aparício (1974) entre outros americanos e alguns brasileiros.

Uma nova etapa do Curso de Pedagogia se iniciava e seu mentor, Prof. Lauro Esmanhoto, sempre presente com empenho e carinho construindo a Pedagogia no curso da Federal e na vida foi e só deixou exemplo de educador que forma pela palavra e pela ação, sempre presente junto a seus alunos e a todos que percebia estarem necessitando algo. Educador “por natureza”, dedicou toda a sua vida ao ensino, à educação e à luta política em prol da educação de qualidade para todos. Portanto, mais do que uma necessidade histórica,este trabalho constitui-se numa necessidade de evidenciar, através da investigação histórica, a história de uma vida que muitos exemplos deixou e que muitas vidas marcou. Objetiva trazer à luz a história de vida de um educador que construiu vidas e muita vida promoveu nas “lutas” que ensejou no seu “dia a dia” de professor.

Necessário se faz registrar que toda essa reforma que se processou no Brasil e também na UFPR, nos cursos de Pedagogia deu-se no período da ditadura militar. A partir do pressuposto da neutralidade científica e inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, este período, denominado “Pedagogia Tecnicista” (SAVIANI, 1983 P.15) exigiu a reordenação do processo educativo de maneira a torná-lo objetivo e operacionalm de moco similar ao que ocorreu no trabalho fabril. Desta forma era necessário planejar a educação de moco a dotá-la de uma organização racional capaz de minimizar as intrferências subjetivas que pudessem por em risco sua eficiência. Para tanto era necessário:

operacionalizar os objetivos e, pelo menos, em certos aspectos, mecanizar o processo. Daí a proliferação de propostas pedagógicas tais como o enfoque sistêmico, o micro-ensino, o tele-ensino, a instrução programada,, as máquinas de ensinar, etc. Daí, também, o parclemaneto do trabalho pedagogico com a especialização de

funções, postulando-se a introdução no sistema de ensino de técnicos dos mais diferentes matizes. Daí, enfim,, a padronização do sistema de ensino a partir de esquemas de planejamento previamente formulados aos quais devem se ajustar as diferentes modalidades de disciplinas e práticas pedagógicas. (SAVIANI, 1983, p. 16)

Para a Pedagogia tecnicista o importante e principal era a organização curricular dos meios, ocupando o professor e aluno, posição secundária., relegados à condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficavam a cargo de "especialistas", supostamente habilitados, neutros, objetivos, imparciais. Este era o espírito da reforma que se processava no Brasil e, é lógico, no Setor de Educação que implantava as habilitações, seguindo estas essa filosofia tecnicista!

Ora, aplicação da gerência científica de Taylor coincide com a revolução técnico-científica, com certa quantidade de transformações fundamentais na estrutura e funcionamento do capitalismo e na composição da classe trabalhadora. Sua aplicação é, até hoje, uma constante, principalmente nos países capitalistas e países dependentes (FEREIRA, 2012, p.65). E o controle, como elemento constitutivo da gerência adquiriu, a partir do taylorismo, a força autoritária de execução do que fora planejado em outra instância.

Com este espírito, as habilitações e, em, especial a de Supervisão Escolar foi criada, e desenvolvida, com o aporte teórico dos intelectuais transpostos do Estados Unidos para o Brasil.

Diante desta norma, Professor Lauro Esmanhoto dedicou-se a fazer o que melhor podia, em termos de rigor científico e referenciais pertinentes, os quais não media esforços para prover seus professores de poder usá-lo, adquiri-los ou manuseá-los. A sala 306, no 3º andar com mesa enorme em torno da qual ficávamos estudando e preparando aulas sobre sua direção, não só possibilitava o acesso ao material necessário ao desempenho competente dos professores, como uma convivência harmoniosa e bondosa inspirada pela benevolência e "modo de ser" do Professor Lauro Esmanhoto.

Fazia-se o tecnicismo, mas nos moldes de um ambiente fraterno que ensinava alguns insights que abriam claros para investigarmos muitas contradições que nos vinham à mente. Proveitosas discussões

teóricas ocorriam possibilitando profícuas e já avançadas sínteses ricas de determinações.

Mas, creio que se faz necessário conhecer este figura tão rica de talentos e de qualidades

3 LAURO ESMANHOTO:: UMA VIDA DE EDUCADOR

Educador paranaense, Professor Lauro Esmanhoto foi um exemplo de vida profissional, em todas as dimensões, que necessita ser biografada, pela relevante contribuição que deu à UFPR, à Curitiba, ao Paraná, à educação brasileira e à sociedade humana, como educador, radialista, administrador da educação e político, escritor que lutou pelas causas da educação com convicção e pioneirismo.

Nisto consiste a importância de se tentar escrever sobre sua vida e seus feitos. Pois traduz a necessidade de buscar nas raízes do já existido e vivido, no mundo em que se vive, como uma necessidade histórica que nasce na trajetória da humanidade em cada ser humano que teve o privilégio de poder ver e aprender exemplos humanos, histórias humanas que marcaram a vida humana e a humanidade. Tal é o que se propõe este trabalho que para ser viabilizado e atingir, com a maior fidedignidade possível, o objetivo proposto foram usadas fontes primárias e secundárias.

Pierre Bourdieu questiona "Quem pensaria em evocar uma viagem sem ter uma idéia da paisagem na qual ela se realiza?" em seu texto *A ilusão biográfica* (Bourdieu, 1998) ao falar da necessidade de construção do espaço para uma história de vida. Assim inicia-se a viagem pela vida de Lauro Esmanhoto montando o cenário onde esta vida foi vivida.

Curitiba, capital do Paraná era no início do século XX, uma pequena cidade, pacata e ordeira que dava seus primeiros passos em direção à modernização.configurando as transformações pretendidas pelas elites ao longo do século anterior. Cercada por diversas colônias de imigrantes tinha uma população cosmopolita que se adensava rapidamente.

Economicamente o estado vivia da exportação de mate e madeira e apesar de momentos de crise estas atividades deram origem a uma burguesia industrial paranaense, em oposição ao

que ocorreria no restante do Brasil onde a classe dominante era tradicionalmente formada por proprietários de terra ou comerciantes. Essa burguesia agia ativamente nas atividades exportadoras, investia no exterior e estendia seus interesses a outros setores industriais, bancários, de seguros e empresas aéreas. (Magalhães, 1972:48-49). Esse afã econômico permitiu que a cidade de Curitiba e outras do estado como Castro e Ponta Grossa pudessem ter uma intensa atividade cultural representada pelo crescimento do número de jornais, de construção de escolas e da participação de paranaenses em movimentos que marcaram a época como o positivismo, o neopitagorismo, o simbolismo, o anticlericalismo, o kardecismo, a maçonaria., o catolicismo clericalista, o paranismo.

Componente da efervescência cultural, a construção de escolas no início do período republicano, refletia a crença de que a multiplicação das instituições escolares conduziria a uma popularização do ensino, determinante do desenvolvimento das nações. Além da construção de escolas nos núcleos urbanos, a malha escolar espalhava-se pelos arredores das cidades agregando as escolas isoladas, que eram também moradia do professor. Em diversos locais, a presença do imigrante era também propulsora da criação de escolas públicas. (TRINDADE e ANDREAZZA, 2001)

Significativo também foi o aumento do número de escolas particulares em todo o Estado, dos pequenos estabelecimentos às instituições de maior prestígio social, que empenhavam-se em bem preparar seus alunos para ingressarem no *Gymnasio Paranaense* ou na *Escola Normal* da capital.

Dentre as instituições particulares laicas, no decorrer do tempo, de 1880 a 1930, multiplicaram-se as escolas de imigrantes, e em oposição a estas foram introduzidas, gradativamente, as escolas confessionais protestantes ou católicas – o maior contingente.

O amplo projeto educacional público e privado acabou por incluir, em 1912, a tentativa de criação de uma Universidade do Paraná. Como a legislação federal impediu a criação da Universidade, o prédio construído para esse fim passou a abrigar as faculdades de Direito, Medicina e Engenharia.

Foi neste cenário, que nasceu em 02 de maio de 1913 Lauro Esmanhoto, na localidade de Botiatuvinha, bairro de Santa Felicidade em Curitiba, filho de imigrantes italianos. Lauro costumava dizer que “já frequentava a escola antes de nascer”, pois sua mãe, Professora

Sílvia Fernandes Esmanhoto era professora primária e, grávida, lecionava na escola que funcionava contígua à casa da família. Com ela sentiu e aprendeu a grandeza e o valor de criar vida nas vidas dos alunos através da educação. E a isto dedicou toda sua existência. Com seu pai, José Esmanhoto², marceneiro, aprendeu a arte e a habilidade de construir, não objetos materiais, mas vidas humanas. A respeito de sua origem e do contexto familiar, Lauro Esmanhoto quando, em entrevista³ realizada em 1999, lhe foi perguntado sobre a sua “caminhada”, do ponto de vista de sua família, das condições que porporcionaram seus estudos nessa época e o desenvolvimento econômico, desde o início de sua vida, assim se expressou:

Eu deveria fazer justiça a uma situação de conveniência, dessas que agente nem sabe porque. Criei-me numa colônia italiana onde fiz algumas observações que aproveito até hoje, quando vejo a crise econômica do Brasil atual. Os imigrantes, que vieram da Itália, não eram analfabetos, eles não vieram simplesmente sem profissão, sem alguma preparação para a vida, porque conhecendo as famílias, através dos alunos que frequentavam a escola de minha mãe, eu sabia de cada família atuando em duas áreas de trabalho, porque cada morador tinha a sua própria profissão, qualquer profissão que você imagina necessária a uma comunidade rural, barbeiro, sapateiro, pedreiro, acougueiro. Tudo isto havia na comunidade porque havia um profissional competente para fazer isto. E a outra profissão era a de lavradores. Todos sabiam lavar a terra. Todos tinham um pequeno sítio onde plantavam, com jardim, pomar, parreiral e tudo que é necessário para uma família viver. Assim, havia um trabalho em conjunto que daria até para organizar uma banda de música (ESMANHOTO, 1999).

Assim, com visível sensibilidade e orgulho do contexto em que nasceu e viveu no início de suas vida, enfatizou como sua origem

2 Em 1998 a família Esmanhoto comemorou cento e vinte anos de imigração.

3 Em 1999, professores do Departamento de Planejamento e Administração Escolar, realizaram uma entrevista com o Professor Lauro que foi gravada em fita de vídeo que faz parte da Videoteca do setor de Educação da UFPR. Foram entrevistadores os Professores Evaldo Montiani Ferreira e a Professora Maria Dativa de Salles Gonçalves.

familiar foi o berço de suas idéias comunitárias e, fundamentalmente, das relações escola, família, sociedade na formação para a cidadania, princípio que tanto defendeu e desenvolveu em todas as formas de trabalho que exerceu ao longo de sua vida. Salientou, nesta ocasião, o valor do trabalho conjunto de toda a comunidade e como este trabalho criava o espírito coletivo de bem comum tão raro nos dias atuais. Este espírito que conduziu toda a sua existência, pautava-se neste trabalho conjunto de toda a comunidade, que tanto defendeu em todas as suas lides e que serviu de lição para suas análises posteriores como, quando comparou o que acontece:

hoje, nos nossos meios rurais – os bóias-frias. De onde surgem? Que são os Bóias-frias? Parece um paradoxo aos nossos conterrâneos nós negarmos o direito de ter um sítio, uma profissão e até duas profissões além da possibilidade daquele trabalho conjunto tão necessário para construir até uma banda de música. Assim surgia um movimento que naquele tempo se chamava de “pichirum” do dialeto italiano, e que vem a ser, mais ou menos, um mutirão nos tempos atuais, mas com uma fundamental diferença, o “pichirum” era um esforço organizado espontâneo e permanente da comunidade. Pertencia ao costume da comunidade. Tal era o costume da comunidade e isto propiciava o desenvolvimento econômico (ESMANHOTO, 1999).

Assim, salientava e estabelecia um paralelo substantivo para a educação contrapondo-se ao individualismo tão acirrado nos dias atuais, em que o capitalismo globalizado se tornou violento e bárbaro. Estabelecia um paralelo entre o espírito do “pichirum” e o do mutirão que não tem a característica de ser um movimento organizado, permanente, espontâneo, voluntário e por isso solidário.

Com esta vivência desde os 10 anos de idade não descansava mais enquanto não viesse estudar na cidade, o que encontrou eco no coração de sua mãe que, como professora, consciente da importância dos estudos além do ensino primário, convenceu seu pai a mudar-se para a capital. Assim, seu pai veio ocupar uma vaga em uma fábrica de balas, café e bolachas de um de seus irmãos, como torrador de café “ trabalho duro, até brutal, só para quem estava habituado a um serviço braçal” (ESMANHOTO, 1999). Sua

mãe, na condição de professora, recorreu ao então Inspetor Geral do Ensino Professor Lysímaco Ferreira da Costa que viabilizou sua transferência para uma escolinha isolada no bairro do Barigui⁴, onde seus filhos estudaram.

“Sendo herdeiro da vida mais intelectual de minha mãe” (ESMANHOTO, 1999), seguiu a vocação forjada no dia a dia desta história familiar e já aos dezesseis anos, tornava-se professor de matemática, disciplina que sempre lecionou ao longo de sua vida e que, sempre que podia a defendia “como uma das mais importantes matérias para desenvolver o pensamento dos alunos”.

Era, então presidente da Província do Paraná o Senhor Caetano Munhoz da Rocha, “político muito esclarecido, homem de Estado que compreendia muito bem a importância da educação para o desenvolvimento do povo, considerado como um dos maiores benfeitores da educação no Paraná”, que trouxe a 1ª Conferência Nacional de Educação para o Estado. Neste período, ainda, foi criada a Caixa de Seguro de Vida que assegurava aos professores este benefício desde que fossem contribuintes.

Nos primeiros anos de sua vida de professor, percorria a pé vários quilômetros que separavam sua casa das escolas onde exercia o magistério, do Colégio Bom Jesus onde lecionava a tão querida disciplina matemática, retornando na carroça dos amigos que vendiam verduras na cidade. Sempre contava que, com estes companheiros sentiu a vontade que cada um tinha de poder estudar e ter acesso aos bancos escolares. Com eles, se compadecia da impossibilidade e arquitetava possibilidades. Com eles vivia uma realidade dura mas repleta de sonhos futuros. Seu entusiasmo crescia, assim, com o vigor de quem acredita que pode transformar a realidade existente pela ação efetiva na construção do espaço societário em que vive. Assim sentia, pensava! Assim pensou e realizou.

Cursava, ainda, a Escola Normal reformada por Prieto Martinez e Lysimaco Ferreira da Costa na década de 1920, quando conheceu Lindamir de Lourdes Guimarães, sua colega de cursos e magistério, com quem se casou em 1937, constituindo uma família de sete filhos.

4 Para lá, depois de transferida, se dirigia a Professora Sílvia dirigindo uma “carruagem” que era uma “aranha” (expressão usada na época) de duas rodas, puxada por uma égua trazida de Botiatuvinha para lecionar na escolinha isolada. Ou, quando não, ir de bonde até o bairro do Seminário e de lá a pé, alguns quilômetros até o Barigui.

Nos anos que se seguiram foi incumbido do ensino da matemática também no Colégio Belmiro César de 1937 a 1943, no Colégio Nossa Senhora de Sión no mesmo período, e também no Colégio Sagrado Coração de Jesus. Nessas escolas, não só lecionou matemática, como participou da administração escolar, coordenando e criando espaços de debates entre a família e a escola.

Assim como amava a matemática enquanto ofício de Mestre⁵, tinha como ofício, também a constante “busca” de novos conhecimentos, novas fontes, nova bibliografia, novas compreensões às quais se dedicava para situá-las no contexto histórico da época. Assim, como tantos eminentes educadores, repensava e reescrevia a história da educação centrada no que considerava fundamental para sua qualidade: a administração da educação. Era, através da administração da educação que o educador, os sistemas educativos e as instituições escares poderiam garantir a qualidade do ensino, da formação dos educandos.

Embora perfeitamente adaptado e entrosado ao meio docente, sonhava em ampliar seus conhecimentos e poder com eles, através de uma formação superior, poder ser mais atuante na sociedade humana. e, assim, decidiu expandir-se para além daqueles “muros escolares”. Seu sonho de ingressar na Faculdade de Direito se realizou em 1937 quando ingressou na Universidade do Paraná, que ainda não era universidade federal cursando os dois primeiros anos, enquanto lecionava no primário e no secundário para manter a família e pagar a universidade que, naquela época era paga. Mesmo tendo obtido bolsa, teve que interromper um ano para trabalhar a fim de garantir o sustento de sua esposa e filhos. Retornou no ano seguinte, cursando o 3º ano e novamente necessitou afastar-se por mais dois anos pelo mesmo motivo. Voltou, finalmente à Faculdade e cursou até formar-se em 1945.

Nesta época, suas qualidades como professor de matemática abriram novos caminhos. Credenciado pelo MEC, atuou no Colégio Estadual do Paraná, onde foi catedrático interino da primeira cadeira de Matemática em 1944, permanecendo até 1955. Sempre preocupado com a educação no seu sentido amplo e compromissado, criou no Colégio Estadual a Associação de Pais e Mestres que passou

5 Toma-se emprestado a Miguel Arroyo, o termo “ofício de mestre” por caracterizar e expressar, com vigor, o trabalho profissional digno e dedicado do Professor Lauro em todos os seus “ofícios”.

a atuar de forma dinâmica e com a participação efetiva de pais e professores.

Todavia, enquanto cursava a Faculdade de Direito participava do Círculo de Estudos Bandeirantes na Universidade do Paraná que foi o núcleo dos primeiros professores da Faculdade de Filosofia inicialmente mantida pela Congregação dos Irmãos Maristas. Entre os que participavam este Círculo figuravam, entre outros, Dr. Liguaru Espírito Santo, Dr. Bento Munhoz da Rocha, Dr. Mansur Guérios, Dr. José de Sá Nunes.

Os cursos tinham, neste período histórico, o formato de três mais um, isto é três anos de conteúdo específico que formava o Bacharel e um ano das chamadas disciplinas pedagógicas que formava o Licenciado.

Administração Escolar e Educação Comparada eram, ambas, disciplinas integrantes do currículo do Curso de Pedagogia, porém a Administração Escolar era uma disciplina obrigatória do currículo dos cursos de Licenciatura. Em 1940, o Professor Lauro foi convidado, neste círculo de Estudos Bandeirantes, pelo Dr. Mansur Guérios a assumir a cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada. Em 1940 a primeira turma estava para se formar e não tinha tida esta disciplina. O Diretor da Faculdade de Filosofia, Dr. Loureiro Fernandes que era, também, o presidente do círculo de Estudos Bandeirantes, conduziu o Professor Lauro ao Reitor, Padre Jesus Balhaim que, após uma entrevista ratificou o convite. E, assim o Professor Lauro ingressa como professor da Faculdade de Filosofia – a terceira do Brasil - em 1940.

Integrou, dessa forma, o quadro de professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, com o Instituto de Educação em anexo, como catedrático da cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada, disciplinas a que se dedicou por toda a sua existência.

Muitas dificuldades se sucederam no início desta docência, na organização das disciplinas, no que concerne à bibliografia e a biblioteca. Além dos Professores Milton Rodrigues e Carneiro Leão, sucessivamente autores dos livros de Educação Comparada e Introdução à Administração Escolar, mais nada havia no Brasil. Debruçado sobre estes conteúdos e suas fontes, Professor Lauro foi às fontes que eram americanas. Assim contactou a Civilização Brasileira e encomendou os livros mais nominados. Quando chegou o aviso

do correio de que os livros haviam chegado, o valor era exatamente o correspondente a um mês de seu salário. Gestionou, então, junto ao Professor responsável pelas finanças da Faculdade que disse não haver numerário para esta despesa. Intendificou-se, dessa forma, a saga do Professor por livros, bibliografia e bibliotecas.

A primeira turma de Pedagogia da Faculdade de Filosofia era composta por um número reduzido de alunos – em sua maioria homens – e duas mulheres, que se formaram e logo ingressaram no corpo docente: Professora Pórcia Guimarães Alves e Professora Eny Caldeira.

Em 26 de abril de 1947, Professor Lauro Esmanhoto, com uma plêaide de educadores que comungavam princípios comuns, entre eles, Professor Faustino Fávero, Professor Dyonel Bond Carneiro, Professor Flávio Molleta Maurer; Professor Osvaldo Pilloto, Professor José Scheinkmann, Professora Ariosvaldina Andrade Loureiro, Professor Tufi Salum, Professora Rosinha Macedo, Professor Ocyron Cunha – todos professores da rede pública do Estado do Paraná - fundaram a Associação de Professores do Paraná – APP.6 Nessa ocasião, assumiu a Secretaria Jurídica desta entidade que, graças ao empenho e dedicação de seus fundadores muito tem realizado através das participação efetiva no Estado e das lutas políticas em defesa da Escola Pública – princípio este, que sempre Lauro Esmanhoto defendeu. “Precisamos lutar por uma escola pública de qualidade para todas as crianças e até os adultos que ainda não tiveram acesso aos bancos escolares”, afirmava ele, periodicamente, incentivando seus pares e alunos defender isto que para ele era um princípio.

Ampliando sua formação diversificada e com o seus anseios de “qualidade de vida e de educação para todos e uma formação digna para a cidadania”, candidatou-se e foi eleito, em 1947 com mandato até 1950, vereador da Câmara Municipal de Curitiba. Foi eleito no dia 16 de novembro de 1947 e tomou posse no dia 16 de novembro do mesmo ano. Nesta Casa fez parte da Comissão de Legislação e Justiça onde teve atuação singular.

Sua eterna preocupação com a qualidade do ensino e da educação para todos e, principalmente com as camadas mais desfavorecidas, era uma constante em sua mente e seu coração.

6 A seção de instalação da Associação de Professores do Estado do Paraná – APP, teve a presença do Secretário de Educação Professor Lauro Portugal Tavares, que a convite do grupo fundador, presidiu esta solenidade de fundação.

Assim, foi como vereador que elaborou o Projeto de Lei que criou o Fundo Municipal de Educação e garantia matrícula no ensino primário a todas as crianças curitibanas. Este Projeto de Lei converteu-se, posteriormente, na Lei nº 125 de 20 de agosto de 1948 e lançou as bases do que seria mais tarde o Sistema Municipal de Ensino de Curitiba.

O conteúdo desta Lei fundava uma outra concepção de ensino público! Tratava-se de uma concepção que expressava a possibilidade das crianças sem condições financeiras de pagar escola – como seus amigos com quem retornava do Colégio Bom Jesus – pudessem estudar na forma escolarizada. Assim ficou expressa a Lei Nº 125:

Art. 1º - Fica assegurada a frequência gratuita nas escolas primárias deste Município, as crianças nascidas em Curitiba, de 19 de dezembro de 1947 em diante.

Art. 2º - Fica instituído o Fundo Municipal de Educação. O qual será formado por uma percentagem da arrecadação anual tão somente dos impostos na forma do Art. 169 da Constituição Federal, consignando-se a respectiva dotação no orçamento do município, a partir de 1949; por donativos especiais e por contribuições regulares, anuais ou não, de pessoas naturais ou pessoas jurídicas de direito privado que queiram cooperar na execução do plano de ensino primário do Município da Capital; e bem assim, pelos legados que forem instituídos e por qualquer outros recursos de proveniência particular com essa finalidade específica.

Parágrafo único – A dotação orçamentária, prevista no presente artigo será de 15% sobre os impostos de 1949, e assentará, gradativamente, nos exercícios seguintes, de maneira a atingir pelo menos 29%, no ano de 1953.

Art. 3º - as importâncias atribuídas ao Fundo Municipal de Educação, serão depositadas em estabelecimento bancário do Município e escrituradas em conta corrente com juros à disposição do Poder Executivo Municipal, e só poderão ser aplicadas de acordo com o plano elaborado pelo Prefeito e aprovado pela Câmara Municipal.

Art. 4º - Quando a pessoa de quem provier a doação determinar expressamente a aplicação que deva

ter no plano de ensino o Poder Executivo municipal providenciará o sentido do exato cumprimento da determinação.

Art. 5º Os recursos do Fundo Municipal de Educação serão aplicados em construções para escolas primárias, suas instalações, despesa com pessoal, construção de residências para os professores, manutenção do convênio com o Estado e concessão de subvenção. (Livro das Leis, 1950)

Percebe-se assim, que os anseios de educação para todos se concretiza com esta Lei que assegura o ensino escolar a todas as crianças de Curitiba. Assim, como político que fora eleito sem pertencer a nenhum partido⁷, Lauro Esmanhoto, com esforço e prestígio pessoal como professor, ao assumir a legislatura, cumpre com o dever sentido na infância junto a seus amigos, de propiciar escola para todos – ideais que comungava com Anísio Teixeira, seu interlocutor em várias ocasiões e realizações.

Como professor acompanhou as mudanças pelas quais passava Curitiba e o Estado desde as políticas educacionais de Manoel Ribas e sua preocupação com as escolas de trabalhadores rurais, e a construção de grupos escolares em todo território estadual, até a nova modernização do estado com Moisés Lupion e Bento Munhoz da Rocha e a construção do novo prédio do Colégio Estadual do Paraná.

Neste período os governantes se debatiam entre o desejo de modernização, representado pela construção de imponentes edifícios escolares e a demanda sempre crescente por vagas nas escolas por uma população que crescia significativamente devido a expansão da ocupação do norte e sudoeste do estado. Lauro Esmanhoto não ficou alheio e logo engajou-se na luta pelo aumento de vagas nas escolas, pois postulava sempre: educação para todos.

Na década de 1950. Lauro Esmanhoto torna-se radialista, apresentando na Rádio São José dos Pinhais um programa de

⁷ No Documento “Levantamento das Legislativas e Vereadores (1947-2000)” da Câmara Municipal de Curitiba, elaborado pelo Setor de Biblioteca da Câmara Municipal de Curitiba que tinha como Chefe do Setor a bibliotecária Walquíria Braum Martins, está registrado como Vereadores sem Partido localizado o nome de dez vereadores, entre eles o de Lauro Esmanhoto. No mesmo Documento conta existirem vereadores pelos partidos: P. Libertador, P. Republicano, P. Social Trabalhista, P. Social Democrático, União Democrática Social, P. Trabalhista Brasileiro.

reflexão sobre a família e a educação dos filhos. Através desse meio de comunicação, ressaltava a importância da família participar das decisões da escola na formação das crianças. Defendia a escola gratuita para todas as crianças e a íntima relação desta com a família e a comunidade. Permaneciam presentes e muito fortes as belas lições aprendidas na infância na vivência da comunidade italiana que ensinaram o valor da participação organizada, espontânea e permanente que revela o verdadeiro espírito de solidariedade.

Também em 1950, se dá a federalização da Universidade do Paraná que se torna Universidade do Paraná, ocasionando que a Congregação dos Irmãos Maristas que até então era a mantenedora se retirasse e desse início à organização de sua instituição que veio a ser a Universidade Católica do Paraná, hoje Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Da organização, estruturação e funcionamento do Curso de Pedagogia desta nova instituição, fez parte o Professor Lauro Esmanhoro que lecionou Administração Escolar e Educação Comparada por muitos anos, concomitantemente, nas duas universidades do Estado do Paraná.

Porém sua trajetória de docente e administrador escolar não se reduziu e circunscreveu a essas duas instituições. No período de 1955 a 1960 dirigiu a Divisão Técnica de Ensino do Departamento Regional do SENAC, onde teve a oportunidade, não perdida, de aprimorar seus estudos de administração da educação na relação educação e trabalho que se fazia nas condições da época. O SENAC funcionava, nesta época junto com o SESCO possuíam um Diretor Geral. A respeito, relata na entrevista dada aos professores do DEPLAE:

Fui convidado a assumir a Direção de ensino do SENAC substituindo o Professor Danilo Lorusso que tinha sido meu aluno na Universidade Federal do Paraná. Esse foi um trabalho que me apaixonou, que me agradou bastante, apesar de minha inesperienza e que sou muito grato por ter tido esta oportunidade. O SENAC, nesta época, vivia intensamente a bandeira da "paz social" levantada pelos seus fundadores Dr. Robero Simonsen (pai), representante das indústrias e Dr. João Daut de Oliveira, representante do comércio(ESMANHOTO, 1999).

Em cada palavra e em cada gesto, sempre, a humildade característica de sua personalidade e de seu caráter digno. Por

mais que sempre contibuisse com seu trabalho e com sua mente prodigiosa, sempre salientava seu sentimento de gratidão.

Acreditando e sempre defendendo que “quanto mais a escola ajudar a família, tanto mais a família ajudará a escola”, foi convidado para dirigir no ano de 1960 e nos três anos seguintes, o Serviço de Relações da Escola com a Família e a Comunidade, junto à Secretaria de Educação do Paraná onde difundiu seu pensamento sempre concretizado na organização e administração da educação com a participação da família e da comunidade. Era essa sua concepção de educação que desenvolvia e aprimorava em cada setor de trabalho que assumia e exercia.

Toda a sua vida, através de suas inciativas e trabalhos revelam e refletem sua preocupação com o social e sua concepção humanista de mundo e de educação. Nenhum fato ou acontecimento de natureza política, administrativa, pedagógica ou social deixou de ter ressonância em seu íntimo e em suas ações sempre propositivas e a frente de seu tempo.

Preocupado com a qualidade de vida humana, jamais se conformou com a política da Educação no Brasil. Suas idéias eram corajosas e seus argumentos convincentes, porque baseados em seus profundos estudos e investigações sobre a natureza humana e a formação para a cidadania. Por isso acreditava, com todo entusiasmo, na educação como mola propulsora da promoção humana de cada cidadão em particular. Fazia de seus estudos e reflexões, oriundos dos contatos que tinha com intelectuais de renome internacional, do mundo todo, na área da Administração da Educação e da Educação Comparada, sua prática de educador, de gestor da educação: alfabetizar pessoas que prestavam serviços domésticos em sua casa e, sempre lá, após suas atividades profissionais, dois ou três estudantes, “vítimas” da Matemática encaminhados pelos vizinhos, iam aprender com o Professor Lauro, não só a matemática como as lições de cidadania e de vida.

Dirigiu o Instituto de Educação do Paraná no período de 1964 a 1966, com as dificuldades que este período histórico apresentava, sem jamais abandonar sua concepção de educação voltada para o social com a participação da comunidade. Concomitantemente, criou e chefiou o Departamento de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná e o, então, Gabinete de Administração Escolar e Educação

Comparada que, depois com a reforma universitária passou a se denominar Departamento de Planejamento e Administração Escolar da Faculdade de Educação, hoje Setor de Educação.

Na entrevista já mencionada relata sua imensa satisfação de ter participado, em Curitiba do CISP – Centro de Investigação Social e Política, que foi criado e fundado por seus alunos das primeiras turmas de Pedagogia da Universidade. Este Centro, além de outras atividades objetivava atender a exigência feita pelos governos Federal e estaduais da criação dos Planos Diretores de Administração nos municípios. A este trabalho se dedicou e a esse respeito assim relatou:

Tratava-se de um trabalho interdisciplinar de equipe com um profissional urbanista, um engenheiro, um médico, e profissionais das outras áreas somando em torno de dez a doze que colhiam in loco as informações necessárias para elaborar o Plano. Entre os trabalhos lá realizados o que muito me gratificou foi participar da criação e fundação da Universidade de Passo Fundo no Rio Grande do Sul, na qual organizei o Curso de Pedagogia. Sou muito grato por esta oportunidade que muito me gratificou (ESMANHOTO, 1999)

A gratidão aliada a competência e ao seu forte compromisso social impulsionavam, sempre, o Professor Lauro às realizações e à investigação cuidadosa sobre o seu trabalho e as consequências possíveis. Suas constantes interlocuções com outros professores de Administração Escolar e Educação Comparada no Brasil se expandiram e, então sugiu a necessidade de fundar uma sociedade científica que possibilitasse aprofundamentos sobre a área. Assim, comendo com educadores nacionais com Anísio Teixeira, Quirino Ribeiro, Carlos Mascaro e outros, a equipe que fundou a ANPAE - Associação Nacional de Professores de Administração Escolar, na USP em 1961, hoje denominada Associação Nacional de Política e Administração da Educação.

Em todas as suas áreas de atuação, através de suas produções, intervenções, objetos de sua investigação contínua, Professor Lauro Esmanhoto defendia: "Consciência social da educação", "Código de ética para professores", "Uma solução do

problema educacional para a incipiente democracia brasileira”, “A Faculdade de Filosofia é a alma da Universidade”, “Cinco mil crianças sem escola”, “O magistério, a profissionalização e a ética”. Estes foram, entre tantas outras, questões tratadas sempre, com insistência que transpareciam em cada conversa que alimentou com seus alunos, colegas e em cada artigo ou discurso que proferia, quer como professor, ou como membro da Câmara de Vereadores de Curitiba.

Mas não só, preocupava-se, também com a formação dos quadros universitários de alta qualidade e, desta forma, idealizou, e liderou a criação do Curso de Mestrado em Educação da UFPR, emprestando seu prestígio e sua força profissional para instalar esse Programa que, hoje, não só serve a comunidade para compor a massa crítica universitária, como também é referência nacional. O Curso de Mestrado em Educação se concretiza de fato em 1976 quando, em ação conjunta com a Professora Zélia Miléo Pavão, então Diretora do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, envidou todos os esforços para que mais esse ideal se concretizasse. E, assim, passou o Professor Lauro a ser professor neste primeiro Stritco Sensu em Educação do Estado do Paraná o qual foi coordenou por vários anos.

Foi o primeiro professor brasileiro a pretencer ao quadro de membro sócio da AASA - Associação Americana de Administração, entidade científica de projeção no cenário internacional na área de seu objeto de investigação através da qual intercambiava com outros intelectuais da América do Norte e demais centros universitários, seus estudos, reflexões e preocupações com uma educação de qualidade para todos. Defendia, então, que essa tão necessária “qualidade da educação” só poderia acontecer se houvessem políticas comprometidas e uma administração da educação que garantisse competentemente essa qualidade.

Colaborador permanente das Universidades Volantes, que realizaram a extensão universitária nas décadas de 60 e 70, em Londrina, Cascavel e Lapa, no Estado do Paraná, instalou o seu “Laboratório de Administração Escolar” em todas aquelas ocasiões, onde estudava, debatia e aprofundava os conhecimentos sobre Administração Escolar e Educação Comparada com seus docentes/discípulos. Foi, ainda, Professor Visitante da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Palmas.

Em 1979, aposentou-se no cargo de Professor Titular do Setor de Educação da UFPR, embora tenha continuado ativamente a exercer a docência e a pesquisa. Em outubro de 1980 recebeu o título de "Professor Emérito" da Universidade Federal do Paraná.

4 EPÍLOGO DE UMA VIDA QUE SÓ GEROU VIDA

As histórias de vida, em especial, da chamada "vida" profissional que se constitui desta dimensão de uma pessoa e que se constrói na relação íntima com a dimensão pessoal sempre deram origem a reflexões extremamente importantes para as ciências humanas e, em especial para a Pedagogia. Este é o caso de Lauro Esmanhoto.

Muitas importantes histórias de vidas são biografadas ou autobiografadas, relatadas e admiradas como exemplos e outras "passam" ao largo, mesmo tendo dado uma relevante e inestimável contribuição à sociedade humana e à educação. Octávio Ianni sempre aludiu, em sua obra e em suas aulas, a importância de se considerar o ser universal que existe em cada homem singular que "escreve" a sua história na história da humanidade que dialeticamente se consubstancia em cada ser humano. E acrescentava que o singular e o universal se confundem, um contém o outro e ambos se constituem. Assim, Lauro Esmanhoto e o curso de Pedagogia da UFPR e em tantos outros lugares, visto que os limites deste texto não permite citar tudo!

Com esta mesma compreensão, Franco Ferrarotti afirmou que: "...se todo o indivíduo é a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual" (1988, p.27). Reafirma, desta forma, a importância que as histórias de vida possuem no que concerne, entre várias outras razões, a de se constituírem em elemento precioso para reflexão, estudo e formação das atuais e das novas gerações. Daí a importância da história de vida de Lauro Esmanhoto!

O que se chama o espírito dos tempos não é no fundo senão o próprio espírito dos autores, em que os tempos se refletem" afirmou Goethe. Autor e ator de um cenário que atravessa quase todo o século XX, Professor Lauro Esmanhoto, o garoto que assistia as aulas da Professora Sílvia, sua mãe, e com ela aprendeu o significado da

educação como vida, lutou muito pela vida, fez muitos sacrifícios, mas sempre com a alegria e o entusiasmo que gera vidas. Lutou pela educação de muitos, de todos. Lutou pela educação pública de qualidade em todos os níveis. Participou, criou, construiu, entrevistou e deixou só exemplos. Sua vida é um espelho onde todos os educadores poderiam se mirar para aprenderem o que é ser educador por convicção!

Sua história de vida se confunde com a história da educação no Paraná e no Brasil.

Se a educação é vida, como afirmava Anísio Teixeira, seu interlocutor permanente nos temas sobre administração da educação e com quem partilhou suas preocupações de educador, estudar a educação, para ele significava realmente verificar em que grau a cultura de um povo está sendo mantida e nutrida para sua integração e renovação, como fenômeno histórico e dinâmico. Assim, construiu-se a sua compreensão. Assim se constituiu sua ação de professor e, educador.

Foi professor de "tempo aberto físico e cultura", isto é, incorporava de tal modo a figura do mestre, que todos os que o conheciam, amigos, dos mais simples aos mais destacados no amplo cenário social, e até seus genros e noras o tratavam de "o professor".

Seu falecimento ocorreu em 17 de novembro de 1990, em sua residência na Rua 15 de novembro próximo à UFPR, cercado pela esposa, filhos e netos. Deixou um ciclo de vida que expressa a figura de um grande humanista, lúcido, livre, coerente e consequente, um verdadeiro exemplo de educador.

Logo após seu falecimento, a Professora Jussara Maria Tavares Puglielli Santos, sua ex-aluna e professora do DEPLAE/UFPR expressou, neste poema abaixo, com muito sentimento, o sentimento de todos os seus colegas e ex-alunos, a lacuna que Professor Lauro deixou e o exemplo que ficou para todos os professores que tiveram o privilégio de com ele conviver e aprender a vida.

MARCAS DA UTOPIA: NO CONVÍVIO COM O PROFESSOR LAURO ESMANHOTO

Jussara Maria Tavares Puglielli Santos

Não quero esquecer sua esguia figura
abrindo, com todo cuidado,
a porta de sua sala.
Quanto respeito tinha por nós,
estudantes, que adentrávamos seu espaço
circundado por mil livros,
em tempo tão escuros...
Gostaria de já ter aprendido sua cotidiana solicitude,
expressão de seu amor cristão ao próximo,
certamente maior do que a si próprio.
Quero vivos seu meigo olhar,
suas mãos, de longos dedos,
contato fraterno.
Nos esparsos encontros,
o mestre, aposentado, inquiria sobre o trabalho.
Para o intelectual, só nele havia sentido, identidade.
Aos que com ele partilharam a vida acadêmica
dedicou o que era: dignidade humana.
Reservou mais carinho aos que dele mais careciam.
Tolerou, humanamente, a seu modo, separar-se de nós,
hoje órfãos criados.
Laurel sobre a mesquinhez de nossa ignorância, a humildade,
lição mais difícil de ser vivida!

Sentimento de todos seus filhos...
professores do DEPLAE
Novembro de 1990

PROFESSOR LAURO ESMANHOTO: A LIFE DEDICATED TO THE EDUCATION AND ADMINISTRATION OF EDUCATION

ABSTRACT

This article stems among others, results from a study the life and works of Paraná-born Professor Dr. Lauro Esmanhoto, an exemplary educator who educates using words and actions. A professor on all levels of teaching he was also an administration and precursor of Educational Administration and Comparative Education in the state of Paraná and in Brazil. Dr Esmanhoto was founder of ANPAE, emeritus professor with UFPR, among other titles and deeds. This article aims to use primary and secondary data to bring to light the history of an educator, teacher, politician and manager who dedicated

all his life to teaching, to education, and to the political fight for quality in education for all

Keywords: Educational Administration. History Of Education. Policy. Citizenship. Lauro Esmanhoto.

REFERÊNCIAS

APARÍCIO, L. *Curso para administradores e supervisores da educação na América Latina*. CRPE/OEA, 1972.

ARMSTRONG, R.J. *Desarrollo y evaluación de objetivos de conducta*. Buenos Aires: Guadalupe, 1973.

ARROYO, M. *Ofício de Mestre: Imagens e auto-imagens*. Petrópolis, Petrópolis/Brasil: Editora Vozes, 2001.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.M. & AMADO, J. (ORG) *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p 183-191

BRADFIELD, L. E. *La función de la superisión en la escuela primaria*. Buenos Aires: Ateneo, 1968.

BRENBECK, L & TIMITHY, T. *Nuevas estrategias para el desarrollo educativo*. Buenos Aires: Guadalupe, 1976.

BRIGGS, L. *El ordenamiento de secuencia en la instrucción*. Buenos Aires, 1973.

BURMEISTER, L. *Reading strategies for secondary school teachers*. Califórnia: Wesley, 1974.

CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA. Livro de Leis Municipais n. 01, Leis 001 a 142, Curitiba, 1948.

_____. Livro de Leis Municipais n.02, Leis 143 a 238 - vol.1, Curitiba/PR, 1949.

CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA. Livro de Leis Municipais n.03 Leis 239 a 30. Curitiba/PR, 1950.

_____. Levantamento das Legislaturas e Vereadores (1947-2000), Curitiba/PR, maio, 1999.

ESMANHOTO, L. *Entrevista concedida aos Professores Evaldo Montiani Ferreira e Maria Dativa de Salles Gonçalves*. Curitiba, 1999.

Educação e realidade: pensamento... - Naura Syria Carapeto Ferreira

FERREIRA, N. S. C. *Supervisão Educacional: uma reflexão crítica*. 16 ed. revista e ampliada. Petrópolis: Vozes, 2012.

FERROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A. & FINGER, M. *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde/Departamento de Recursos Humanos, pp. 17-34. 1988.

FONTES SELECIONADAS de arquivos organizados pelas filhas Rita Esmanhoto e Maria do Pilar Esmanhoto.

FRANSET, J. *Supervisión escolar como guia*. México: Trilhas, 1969.

GOETHE, J. W. *O Fausto*. Lisboa: Guimarães Editora, 1973.

Câmara de Vereadores de Curitiba. Livros de Leis 1947,1948 e 1950. Curitiba:

IANNI, O. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

IANNI, O. "O cidadão do mundo" In: LOMBARDI, J.; SAVIANI, D. & SANFELICE, J. *Capitalismo, trabalho e educação*. Campinas/SP: Editora Autores Associados, HISTEDBR, 2002.

MAGALHÃES FILHO, F. Evolução histórica da economia paranaense. In: *Revista paranaense de desenvolvimento*,28.Curitiba:BADEP, jan/fev 1972.

NEAGLEY, R. *Técnicas de la moderna supervisión escolar*. Buenos Aires: Troquel, 1969.

SAVIANI, D. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

SAVIANI, D. *Escola e democracia*. Coleção "Polêmicas do nosso tempo". São Paulo: Cortez Editora/ Autores Associados, 1983.

SEEC III MILÊNIO – *Série Gente Nossa – Educação*. Capa e Contracapa. In: Apostila de Matemática, Química e Biologia. Extensivo 8B. Curitiba:Distribuidora de Material Didático, 2000.

TRINDADE, E.M.C.& ANDERAZZA, M.L. *Cultura e educação no Paraná*. Curitiba: SEED, 2001.

WILES, K. *Técnicas de supervisión para mejore escuelas*. México: Trilhas, 1973.

Aprovado em julho de 2014
Publicado em setembro de 2014